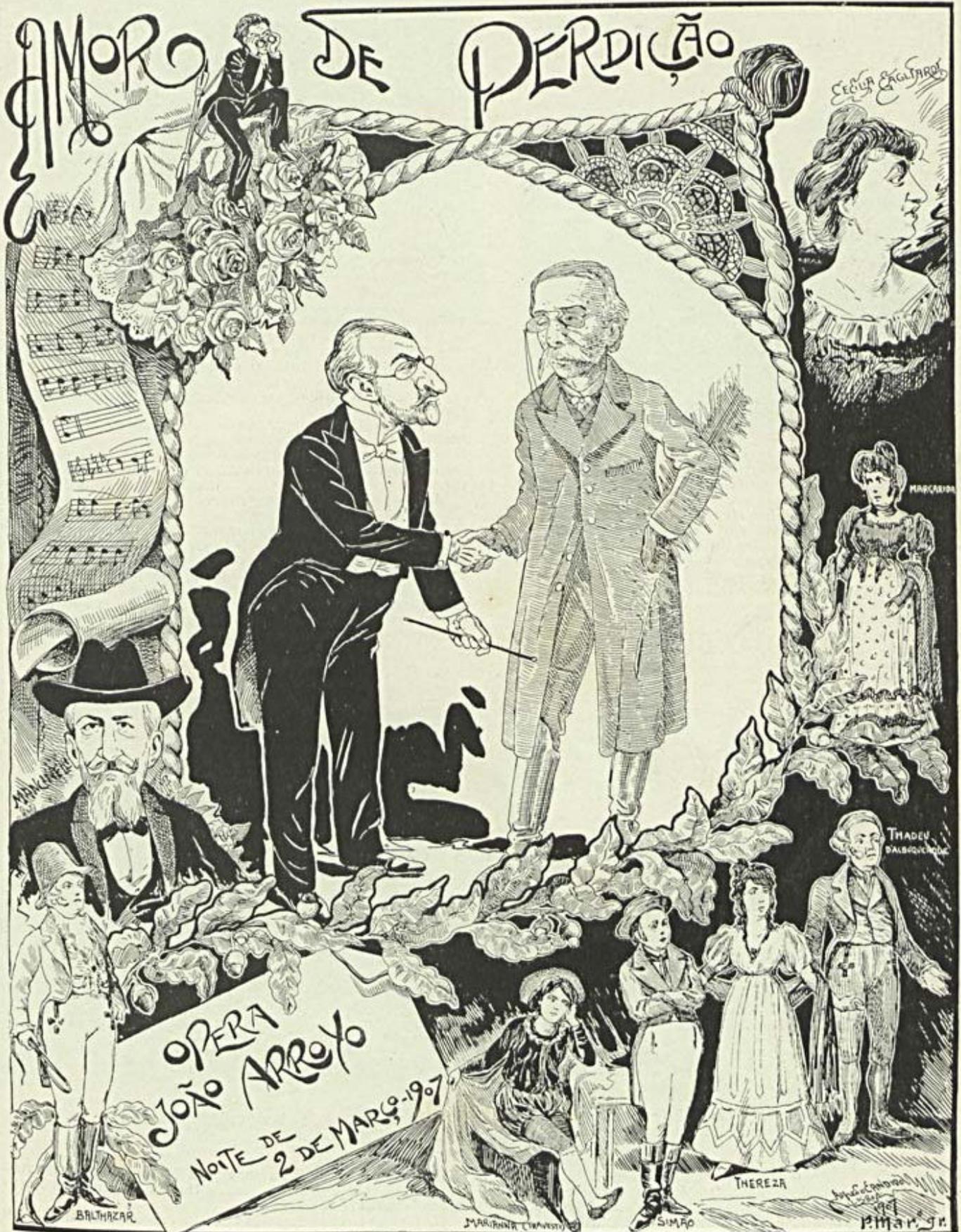


BRASIL - PORTUGAL

16 DE MARÇO DE 1907

N.º 196

COLLEGAS



-- Tu fizeste o "Amor,, cantando... Eu escrevi-o a chorar. .

A "Booth Line,"

Mais um paquete inglez estabelecido pela importante empresa de navegação *Booth Line* para as carreiras entre o Norte do Brasil e o porto de Lisboa. Festejando esse melhoramento de grandes vantagens para o commercio e de commodidade para os passageiros, o sr. Charles Booth, filho do abastado armador inglez, reuniu a bordo do *Lanfranc*, a imprensa, officiaes de marinha, representantes da America, do Brasil, e da Inglaterra, membros do commercio, e grande numero de convidados, não sendo esquecida a *Propaganda de Portugal*, a florescente sociedade que mais tem pugnado para estreitamento das relações entre Portugal e Brasil.

O *Lanfranc* mede 434 pés de comprimento por 53 de largura, e conta 6400 toneladas de registro.

E' um barco de construcção solida, saído dos estaleiros da *Cale-*



O "paquete," "Lanfranc,,"

don Shipbuilding and Engineering C.º Lid., de Dundee, e cujo desenho e processo obedecem a todos os preceitos nauticos.

Accio e conforto desde o salão de musica aos camarotes da ré, do convex de passeio ás casas de banho. A sala de jantar da primeira classe comporta duzentas pessoas. Na terceira classe, arejada e clara, ha logar para 350 passageiros, observando-se todas as condições de ventilação e isolamento tão necessários nas paragens quentes do equador.

Em resumo o *Lanfranc*, é incontestavelmente o primeiro navio da carreira do Norte do Brasil, tanto pelas suas qualidades de marcha — 14 1/2 nós por hora — e segurança, como pelas condições de conforto que offerece.

Para a mesma carreira está em construcção em Liverpool, um outro paquete — o *Antony*, que por estes dias sairá d'aquelle porto.

OS TICS

Todo o mundo tem o seu *tic*. E' a molestia mais espalhada pela humanidade. O *tic* é o séstro, a careta, o pigarro, o piscar de olhos de muita gente. Para os profanos é um vicio que se adquire, para o medico é uma molestia, uma nevrose, mais que isto, uma cerebropathia motora. O *tic* foi elevado na medicina á altura de uma molestia nervosa!

A lesão inicial é da vontade. O individuo executa o seu *tic*, porque não pôde querer o contrario. Apenas a vontade modifica, melhora, disfarça, mas não impede a execução do *tic*. E' uma obsessão.

Ha pequenos e grandes *tics*; ha *tics* muito graves.

Começam em geral na segunda infancia e vão até á velhice.

Pôde-se dizer pittorescamente "quem *ticou* *ticará*," paraphrassando o rifão popular de "quem bebeu beberá."

A variedade dos *tics* é immensa. Ora é um piscar de olhos convulsivo; o paciente é um pisca-pisca. Justifica o seu séstro dizendo que foi um argueiro, que é uma ardencia, uma inflammação da vista, que vae ao medico, etc. Pura phantasia. E' a obsessão que domina o infeiz. Nas moças attinge o martyrio o seu cumulo, sobretudo se são formosas.



Sala de jantar do "Lanfranc,,"

A's vezes é o pigarro: o paciente diz que sente uma cocega, catarro na garganta; vae ao especialista: este nada encontra: receita um gargarejo de chlorato de potassio por desencargo de consciencia. O doente usa-o; aborrece-se. O *tic* continúa; o pigarro insiste, ora mais brando, ora mais sonoro, ora mais incommodo, mas dura, 20, 30 annos, toda a vida.

Outras vezes é o nariz o theatro do *tic*. Tenho tido no consultorio doentes d'este jaez: digo que não é nada, mas para livrar-me d'elles mando-os ao especialista. O especialista diz que é uma rhinite chronica, isto é, inflammação chronica dos conductos nasaes, e as lavagens são instituidas. O doente fal-as; aborrece-se e o *tic* continúa.

A bôca! Quantos tregeitos fazem os tiquistas com os labios! E' uma mimica variada, que causa pena a quem é medico e observa. Movimentos lateraes, tregeitos de muchôchos, sucção dos labios, da lingua; aspiração de ar ou da saliva pelos intersticios dos dentes, e mais, e tudo que a imaginação doentia de um tiquista engendra.

A cabeça na sua totalidade serve de repasto á obsessão dos tiquistas.

Os mais frequentes movimentos são os lateraes; o individuo distende o pescoço para um lado ou para outro até sentir muita vez o ruido muscular. O movimento pôde ser para á frente, para traz, ao cumprimento, até bater o queixo no peito, etc.

Quanta gente levanta um hombro, contrae as espaduas, bate uma perna na outra, distende abruptamente um membro; fecha convulsivamente a mão!... São varios *tics*, que se gravam no organismo ou no cerebro do individuo para mui difficilmente sair.



O vapor "Frederico Guilherme,," que levou para bordo do "Lanfranc,," os convidados

Estes *tics* ás vezes vem por accesso, e quanto mais nervoso ou excitado se acha o paciente, mais o *tic* se exaspera, como um animal indomavel dentro de nós.

Ha formas muito graves de *tics* que exigem uma descripção technica.

Felizmente, alguns *tics* são curaveis, outros modificaveis. O tratamento é simples e carece apenas de paciencia.

Daremos os preceitos essenciaes.

E' preciso que se tenha um medico amigo ou uma pessoa dedicada e muito boa vontade da parte do tiquista.

O tratamento principal consiste em sujeitar o tiquista a immobildade photographica durante certo tempo. Na 1.ª sessão poucos segundos, sejam 2 segundos; na 2.ª sessão 3 ou 4 segundos.

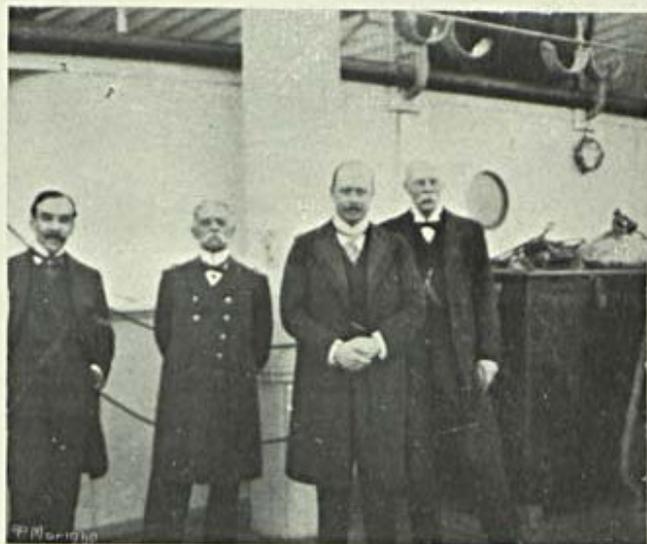
movimentos educadores, contrarios aos tics. Por exemplo, o doente que tem o piscar convulsivo dos olhos: além de ser obrigado a ter os olhos abertos, é preciso que o medico ou elle proprio doente, abra e feche os olhos docemente, lentamente, lateralmente, para evitar o movimento convulsivo de piscapisca.

No homem o tic é um feio vicio, mas na mulher torna-se



A bordo do "Lanfranc,,

Da esquerda para a direita: — Errigton Dawson, agente da Booth Line — Edward Collings, commandante do Lanfranc — R. G. Jayne — Melville Davidson, medico de bordo.



A bordo do "Lanfranc,,

Da esquerda para a direita: — Dr. Alberto Fialho, ministro do Brasil — Conselheiro Augusto de Castilho — Charles Booth Junior — Sir Francis Villiers.

depois minutos, e assim successivamente, uma ou duas vezes por dia.

O espelho é um grande elemento de cura quando o tiquista tem força de vontade.

E' encarar no espelho, por si só, durante o maior tempo, sem fazer gestos, caretas, sem executar o tic. Muitas vezes no dia, sempre com a esperanza de ficar bom. Quanto mais velho o tic, mais difficil a cura, mais paciencia carece do tiquista. A victoria virá.

Além da immobildade photographica, devem ser instituidos

tão desgracioso que tenho tido na minha clientella queixas de noivos e de maridos sobre os meios de debellar os tics femininos. Ha pouco tempo pediu-me alguem para tirar o vicio que a noiva tinha de roer unhas, ou onichophagia, como se diz em medicina. Expuz os meios ao joven... não sei se surtiram effeito. Lembro sempre aos tiquistas que com paciencia e força de vontade pôde-se ficar bom de tão feia e corrigivel molestia.

DR. AUSTREGESILLO.

S. Paulo — Brasil



Rua João Alfredo

FESTA MILITAR

No quartel de marinheiros — Exercícios — Premios

Foi no dia 2 a festa habitual dos marinheiros, no quartel de marinheiros, para aproveitamento dos recrutas dados como

promissos da instrução militar — 300.

Uma festa brilhante a que assistiram El-Rei, Principe Real e Infante D. Manuel, executando-se na parada do quartel exercicios de gymnastica, esgrima de honra e depois a lucta de trecho (series eliminativas) ficando a primeira parte com o programa com o jogo da barra. A segunda parte compoz-se de gymnastica com barra, corrida de tres pernas, e por fim lucta de trecho. Foi a lucta de trecho a que maior entusiasmo e interesse despertaram. N'ella tomaram parte marinheiros do quartel de El-Rei. Venceram estes ultimos depois de uma pesada lucta.

As unidades eram compostas por 100 recrutas do quartel de marinheiros e de cento e tantos dos navios Santos no Tejo: Vasco da Gama, D. Luiz, D. Fernando, S. Raphael, D. Amalia, Tejo e escola de torpedos.

De grande prestigio os exercicios de gymnastica dirigidos pelo inspector, tenente Joaquim Costa, que por isso foi muito felicitado.

As duas primeiras luctas de trecho das series eliminativas foram ganhas pelos marinheiros do Vasco da Gama, a terceira e quarta pelos do quartel, a quinta e sexta pelos da S. Raphael.

Os premios foram distribuidos por El-Rei, Principe Real e Infante D. Manuel.

Um rollozo foi manilhado 9-989, vencedor do lanceamento da bola.

Cigarettes e phosphoratos de prata aos marinheiros 9085 e 9095 vencedores da corrida de pernas atadas.

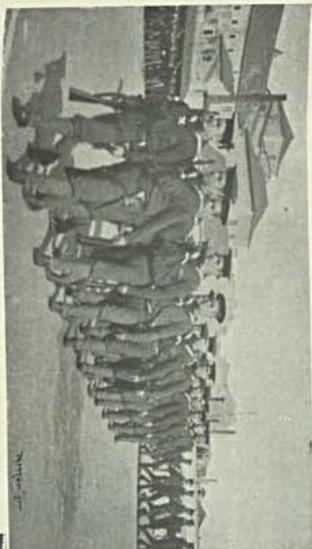
Uma riquissima luga de prata, estilo monachal, oferecida pela Liga Naval, ao grupo da Tejo vencedor da lucta de trecho. Esta luga, foi entregue pelo sr. Jacintho Candido a El-Rei, que a entregou por sua vez ao sr. Polycarpo d'Azavedo, commandante da Tejo. Este official entregou-a em seguida a mais antigo dos seus marinheiros.

A festa terminou por um coro — a canção das virgens dos Santos de Correntile — entoado por todos os marinheiros.



Festa militar no quartel de marinheiros

nao reconhecem, porque a *Damação do Praxo* entre nós está muito attenuada pelo tratamento rigoroso a que o sr. Facchini a sujeita no Instituto de Investigação, uns poucos dias, parelizando n'isso, porque razão, estando em scena uma opera portugueza — o *Amor de Perdigão*, do sr. João Arroyo — se cantou na recita de gala em honra do monarca, extrangeiro a *Damação* do sr. Berthoz? Os meus bofes, com quem tenho conversado sobre o assumpto, nada me sabem dizer. E como não estão dispostos a averiguar-me, mesmo porque muita d'ella a ver com o caso, por aqui me fico.

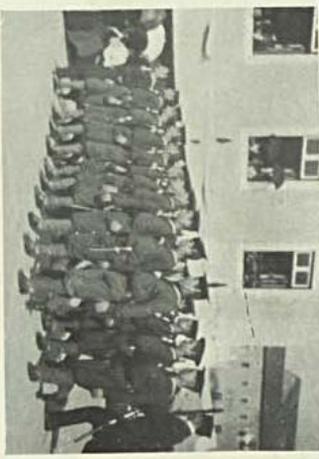


Festa militar no quartel de marinheiros. — Em marcha para os exercicios

Os vielhos, a que o governo não quer acudir, no dizer dos vilalões, zaredam nos vestilhos e vão já acedendo os annos por forma a prevenir-se vingrapho proxima.

Cerriamente os ladinos estão ao facto do que se tem passado no Parlamento relativamente á questio. Não vale, pois, referir casos curiosos, a resolução tomada por um deputado que no Parlamento era o mais fidino representante dos viticultores, pela sua posição especial de presidente da Real Associação Central de Agricultura Portugueza.

Esse deputado entendeu que a melhor maneira de levar o governo a subsistizar as justas aspirações dos viticultores era dizer-lhes o seu mandado. E se bem o pensou, não se deu conta de que se já com Deus, despedindo-se com um abraço, os seus amigos, votaram e mais membros da mesa da camara, dos deputados seus ex-collegas e sahi.



Festividade no quartel de marinheiros. — Marchando em columna

Insere o Brasil-Portugal dez gravuras representando aspectos dos exercicios, e entre ellas um grupo em que figuram El-Rei e dezesse obliques de marinha.

A quinze dias de vista...

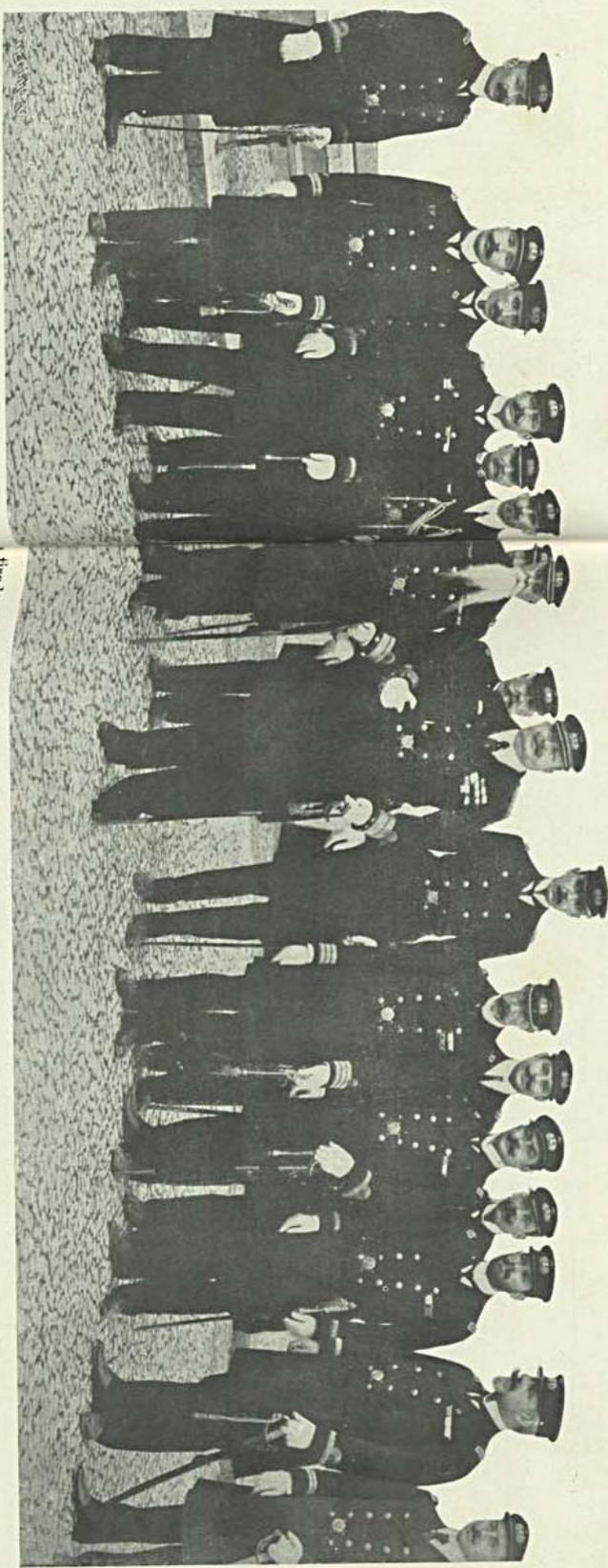
É, viva, que não obrigam a protesta

XXXIII

A visita de Sua Magestade Frederico Augusto, rei de Saxe, Poira impromptu de visitar o palacio de Saxe, a 9 de agosto, o sr. João de Saxe, para cá fez: A queda da tarde, o sr. João de Saxe, mas também a queda se aceda. Um delibado que resista o mandado. Curiosa maneira de adotar os interesses dos contrinuos. Um preceito singular: Os vendedores desgraciados, Carta de uma mãe. Conselho diamigo. — O calor e a abertura da época laromachiz.

Visita de Sua Magestade o rei Frederico Augusto de Saxe a corte portugueza foi o grande acontecimento da ultima quinzena.

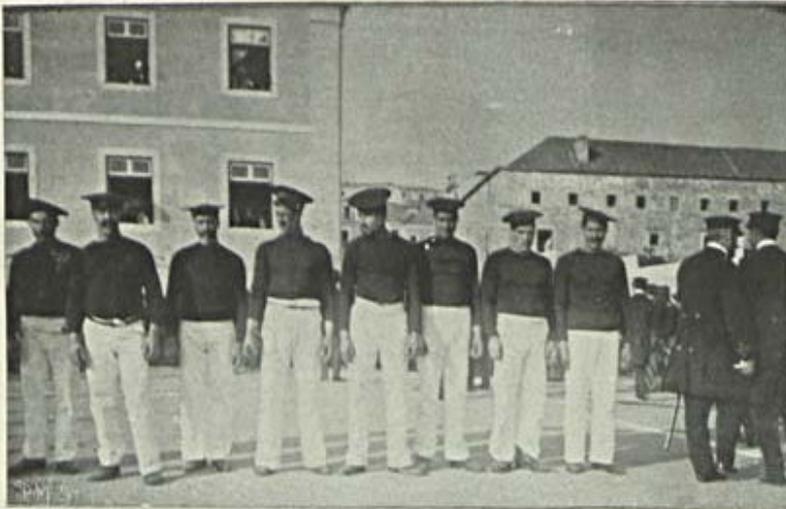
A primeira visita, este facto parece uma mina inexgotavel para um chronista; no entanto, essa occorrença, affez novel, experimenta como um flauto n'ão da dois pingos de assumpto. O rei chegou, como diz a canção, e se não via e venceu, como o Cesar da Roma Imperial, ouyiu um discurso do sr. Pinto Basto saudando-o em nome da municipalidade lisboense, em portuguez, que o augusto visitante certamente appreciou muito e tomou na devida consideração. Depois, Sua Magestade almorçou e juntou como qualquer simples mortal, fez a herculeia visita aos Jeronymos com companhia dos almirantes da Casa Real, passou por essas ruas e avindas, foi a S. Carlos ouvir a *Damação do Praxo* que naturalmente



A isto e a pouco mais se resumiu a visita de Sua Magestade o rei da Saxonia. Oxalá que o soborano leve bons impressões d'ella.

Parada na Parada do Quartel de Marinheiros no dia 2 de março

Contrahabente Pereira Vianna — Capitão de fragata Alves Lacerda — 2º tenente Maia e Costa — Capitão de fragata Pinto Garvez
1º tenente Pinheiro Silva — Capitão de fragata Barbosa Baccellar — 1º tenente Matos Moreira
1º tenente Pinheiro Silva — Capitão de mar e guerra Gonçalves Teixeira — 2º tenente Albuquerque Rocha — 1º tenente J. Botelho da Costa
1º tenente Quintão da Fonseca — 1º tenente Vieira da Fonseca — 2º tenente Afonso do Carvalho



Festa militar no quartel de marinheiros. — Praças da canhoneira «Tejo», vencedoras na lucta de tracção, e que ganharam a taça da Liga Naval

Deus me perdõe do erro, mas a conclusão a tirar do facto da concessão da medallia commemorativa da desercção, é que o combate a peito descoberto no posto de honra, seria premiado com exautoração!

Constou, depois, que os grandes agricultores haviam resolvido mandar a Lisboa, não se sabe bem para que, quarenta mil pessoas das que mais soffrem com o tristissimo estado a que chegou a lavoura nacional. E' de crer que reconsiderem e ponham de parte essa ideia, que a todos se afigura pouco feliz.

Que viriam fazer a Lisboa quarenta mil creaturas a braços com a miseria?

Não o direi eu, que não posso ou não quero ser propheta na minha terra; mas responderá por mim uma creatura simples — ainda as ha, graças a Deus! — nas apprehensões que não occulta no documento que segue e eu archivo por mais de uma razão, e que na sua tocante ingenuidade, na propria falta de grammatica, fala tão alto e tão bem como nunca falou nenhum dos senhores deputados a quem a agricultura tem confiado a advocacia dos seus interesses.

E' isto, — esta carta de uma pobre camponia a seu filho, policia em Lisboa:

Meu querido filho

Estimarei que ao receberes esta estejas de perfeita saude, que nós, graças a Deus vamos indo com muitas faltas. Eu escrevo-te muito estamagada para te avisar que vae da qui muita gente a Lisboa afadar ao rei a ver se á quem comper o vinho o teu pae tambem vae porque agente a inda não vindemos e óvi dizer ao resdor que a tropa fazia fogo e dava para bacho não te esqueças do pae do tio Antonio e do tio José Maria que tãobem vão vê se pedes aos teus camaradas que não atirem pois elles não tem medo mas se algum morre ainda a desgraça é maior. A comadre Maria manda te pedir que procures o filho num rismento delle que o marido tãobem vae e elle que fassa o mesmo que diga aos outros que não matem ninguém que toudos semos pobre e que o vinho esta per vender.

Recibe muitas saudades do Joaquim da pita que veio ca hougem e mais do Antonio da Josefa e da Joaquina Silvestra e da Maria do Rozario e do Antonio Maxado e do teu pae e as minhas para contigo so a vista terão fim saudades do pae e do João e do Antonio que a toudos lembra muito e a benção da tua mãe.

Maria da Conceição.

Não te esqueças de pedir aos teus camaradas e de procuraes o José da comadre para o mesmo e que não matem ninguém que a gente o que quer é vinder o vinho para se governar.



Festa militar no quartel de marinheiros. — Lucta de tracção pelos marinheiros do quartel e da canhoneira «Tejo»

Ah! sr. presidente da Real Associação Central de Agricultura Portugueza, é preciso tranquillisar esta pobre mulher, não garantindo-lhe que nenhuma violencia será exercida sobre os desgraçados que venham a Lisboa, mas evitando que elles saiam das suas terras. Se v. ex.^a, com a sua eloquencia de parlamentar, não conseguiu convencer o governo da justiça que assiste a esses infelizes, não seriam as vozes d'elles que calariam nos animos valerosos dos srs. ministros que, seguindo o exemplo de v. ex.^a, dariam homens por si para os effeitos da resposta...

Abandonando a causa d'elles e mandando-os vir a Lisboa dizer de sua justiça — para o que teriam de empenhar os instrumentos da lavoura, segundo o manifesto dos viticultores de Torres Vedras, — v. ex.^a só consegue, talvez, maior desgraça para elles, e, certamente, maior prosperidade para as casas de prego.

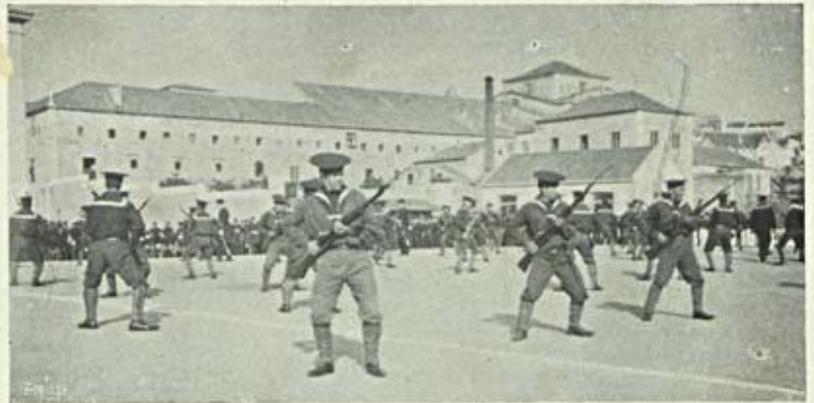
Como tudo anda fóra dos eixos, n'esta linda terra de Portugal, até o tempo se permittiu o luxo de nos preparar uma peça, aliás agradável: antecipar o verão.

Já cá o temos. Estes ultios dias tem sido bastante quentes, com pasmo de toda a gente, á excepção do sr. Albino José Baptista, emprezario tauromachico, que adivinhou a precipitada vinda do estio ou o diabo lh'a communicou ao cabelludo ouvido, pois antecipou a abertura da epoca taurina um mez e com precisão tal, que a primeira corrida se realizou no primeiro dia de calor.

Não faltou, pois, o indispensavel sol á lourada. Em compensação faltaram as concomitantes moscas, que andam muito atarefadas por varias bocas, impossibilitadas por isso de dizer asneiras, e os touros, porque os bichos que appareceram, conquanto de excellente apresentação, eram mansarrões como cordeiros.

Não é só a agricultura que está a «pedir chuva». É tudo isto!

Camara Lima.



Festa militar no quartel de marinheiros. — Esgrima de baioneta

Variedades

Modos de saber as horas

A principio calculava-se o tempo pelo sol. Esses relogios que se conservavam naturalmente ao ar livre — constavam de um quadrante, marcando sómente as horas, e de um bastão perpendicular ao centro do dito quadrante. A' proporção que caminhava o dia, a sombra projectada pelo bastão girava sobre si mesma passando, assim, pelas linhas que determinavam as horas. Os relogios do sol pódem ter diversas fórmas: conicas, esfericas, etc., comtanto que o quadrante e o bastão sejam bem orientados ao sol. Como, porém, nos dias chuvosos não se conheciam as horas, procurou-se outro modo de saber-as.

Pensou-se, então, em medir o tempo pela queda longa e sempre igual de um corpo qualquer, por ex.; da agua. E' o principio sobre o qual repousa a *clepsydra*.

A *clepsydra* primitiva era feita com dous vasos superpostos, que se communicavam por um pequenino orificio. No inferior, viam-se linhas a igual distancia, que correspondiam ás diversas horas; o superior estava cheio d'agua. A agua, passando pelo buraco, enchia gradualmente o vaso inferior; pela elevação do nivel d'este conhecia-se a marcha do tempo. A *clepsydra* moderna é a de *tambor*. Ella compõe-se de um alto quadro de madeira no qual se inscrevem as horas. Na parte superior do quadro estão fixadas duas cordas, que se enrolam no eixo do tambor.

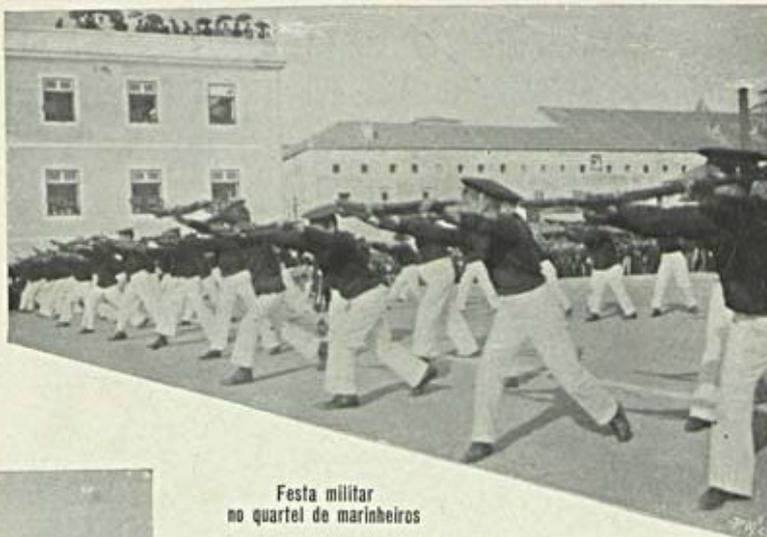
Este é dividido em compartimentos unidos entre si por um pequenino orificio; enche-se um d'elles d'agua. Esta, á proporção que passa entre os compartimentos,

força o tambor a descer vagarosamente, marcando as horas por meio do seu eixo.

Póde-se também calcular o tempo pelo fogo. Quem primeiro usou d'esse systema foi o povo chinéz. Os chins preparavam um bastão de uma madeira especial, que, queimando-se, não produzia luz. Esse bastão era dividido em partes eguaes, mostrando as horas. A medida que o fogo consumia lentamente a madeira, consumia as horas. Um methodo mais aperfeiçoado foi o de Gabry. O seu relógio é construído do seguinte modo: — dous vasos de porcellana, juxta-postos communicam-se; em um, boia a lamparina, no outro um corpo leve qualquer.

Entre os dous eleva-se um mostrador de latão. O fluctuante está preso a um fio que se enrola n'um moitão construído sobre um eixo horizontal; este eixo passa pelo centro do mostrador. Como os vasos se communicam, o oleo baixa do nível nos dois, ao mesmo tempo.

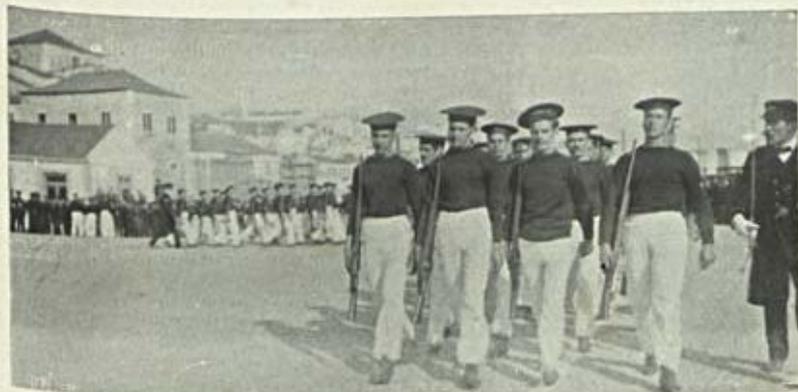
A proporção que isso se dá o fluctuante desenrola lentamente o fio, fazendo assim girar o eixo e este obriga



Festa militar
no quartel de marinheiros

Exercício de manejo de armas

Hoje, para saber as hoas não é necessario ter um escravo encarregado de ir lel-as nos mostradores das praças publicas — como na Roma antiga. — Graças aos esforços dos seculos passados.

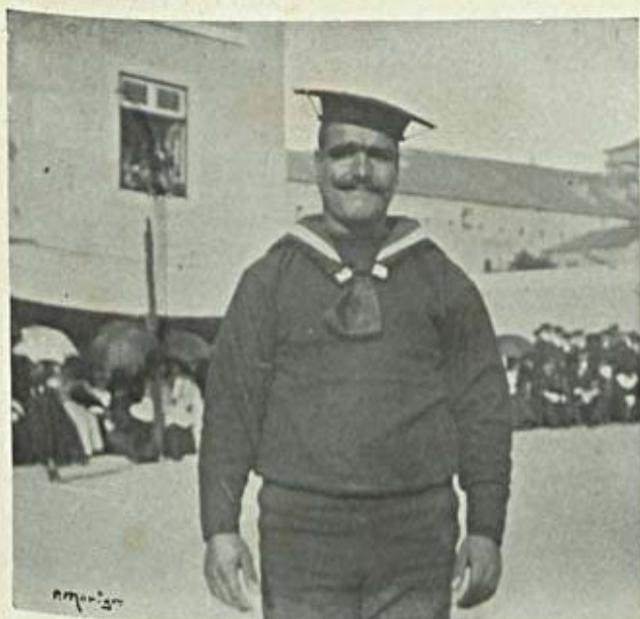


Fesra militar no quartel de marinheiros. — Desfile

a agulha do mostrador ao mesmo movimento. E assim se sabem as horas.

O relógio, propriamente dito, foi inventado no X.º seculo, pelo papa Gerbert; mas só foi posto em circulação no seculo XIV. A sua regularidade deslumbrou a Edade Media, durante a qual foram construídos muitos relógios engenhosos e artisticos. Quando — depois da Edade Media — as leis do pendulo foram applicadas aos relógios, inventou-se o *regulador*.

Obteve-se com elle o segundo. No reinado de Carlos V imagi-



Festa militar no quartel de marinheiros

O marinheiro Antonio Pires, que bate o «record» da bala, lançando-a à portugueza

nou-se enrolar sobre si mesma uma lamina finissima de aço; distendendo-se pouco a pouco, esta lamina produz o effeito do peso sobre as rodas. E' essa a mola em espiral. Como póde ser contida n'um espaço muito pequeno, fez-se com ella, no fim do seculo XV, relógios minusculos. No XVIII todos os relógios marcavam as horas.

O luto

Na Syria, na Cappadocia e na Armenia, o luto é azul celeste.

No Egypto, é amarello como a côr das folhas secas das arvores.

Na Ethiopia, é cinzento como a côr do panno pardo.

Na Europa, é preto.

Não são casuões as escolhas d'estas côres de luto. Teem todas a sua significação privativa, assim como as teem todas as cores em geral.

A côr violeta, como mistura que denota por um lado a tristeza, e pelo outro desejo do empyreo para o morto.

A côr branca denota pureza; e por isso é consagrada ao luto pelas virgens

A côr amarella denota que a morte é qual fim das folhas amarellecidas nas arvores.

A côr cinzenta exprime pó da terra, em que se desfazem os restos mortaes, quando a Providencia nos risca do catalogo dos vivos.

A côr preta denota a privação da vida, como emblema que é do Nada e da destruição.

Mocidade...

Nuvem dourada que ainda ao longe alvejo,
E como um pallio o meu sonhar cobriste...
Nuvem que foste o florescente beijo
De todo o amôr que n'este mundo existe...

Levou-te o vento que soprou no brejo
Da minha vida, n'uma hora triste...
E quanto mais ao longe ainda te vejo,
Mais sinto a dôr do dia em que partiste!

A que mundos irás, nuvem brilhante,
Que um dia me abençoaste, e n'esse instante
Deixaste um rastro de immortal saudade?

Levas contigo a flôr dos meus ideaes...
Nuvem que passas e não voltas mais,
E's a minha, és a nossa mocidade!



Rei de Saxe

O rei Frederico de Saxe

O *Brasil-Portugal* deixa n'este numero, pela gravura, notas curiosas da visita do rei de Saxe ao Tejo, onde entrou a bordo do «*Cap Ortegals*» ha apenas uma semana, por uma bella manhã de sol.

No numero anterior referimo-nos á ascendencia do neto de D. Maria II e primo de el-rei D. Carlos. Dispensado, pois, de repetir dados conhecidos, o *Brasil-Portugal*, que não comporta noticias descriptivas, limita-se a uma saudação carinhosa ao filho da infanta Maria Anna e depõe nos pés de Sua Magestade as suas homenagens.

Politica internacional

As eleições, que acabam de realisar-se para o «county council» de Londres foram um desastre sem precedente para os liberaes, que administravam a grande cidade. Não sómente os progressistas perderam a grande maioria que tinham, mas a maioria que obtiveram os conservadores foi enorme, podendo classificar-se de esmagadora a derrota dos liberaes.

Este resultado é tanto mais para admirar, quanto está ainda bem recente a assignalada victoria dos liberaes nas eleições geraes de deputados. Significará ella o primeiro symptoma de um reviramento da opinião publica a favor dos conservadores? A imprensa unionista assim o dá a entender, saudando com enthusiasmo o triumpho obtido pela opposição contra os candidatos protegidos pelo governo.

Não ha duvida de que a acção ministerial não tem correspondido ás esperanças que n'ella o paiz depositava. Em primeiro logar o

proprio partido liberal não está tão unido como seria para desejar. Viu-se bem a divergencia entre os diversos matizes do liberalismo por occasião da discussão na camara dos commons do «Education-Bill», e ainda a proposito da politica colonial do gabinete. Por mais de uma vez foram os votos conservadores do sr. Balfour que salvaram o governo.

Alem d'isso se a ala esquerda do partido está constantemente impellido o ministerio para as soluções radicaes, não faltaram dentro do proprio partido elementos, que antipathisam e se assustam com a tão intima ligação do governo e dos socialistas, representados no conselho de ministros pelo sr. John Burns.

Por ultimo alligura-se a muitos liberaes frouxa e por vezes hesitante a attitude do sr. Henry Campbell-Bannerman a proposito de questões importantes, como por exemplo a das relações da camara dos commons com a camara dos lords. Isto pelo lado liberal. Pelo lado conservador e pelo paiz em geral, que não tem partido algum definido, mas possui o sufficiente senso pratico para distinguir na orientação dos governos o que mais lhe convem accusa-se o ministerio de indecisão, de ser quasi esteril até hoje a sua acção governativa.

A opposição systematica da camara dos lords contra o «Education Bill» e a passividade com que o governo se resignou a retirá-lo da discussão, depois de approved por enorme maioria pela camara dos commons, não contribuíram para afirmar perante o paiz a energia do ministerio. Tambem a politica externa do gabinete e a sua politica colonial teem dado ensejo a criticas mais ou menos justificadas.

Por um lado a opinião publica não vê com bons olhos as tentativas para se estabelecer relações amigaveis com a Alemanha, quando esta continua por todos os modos a afirmar a sua intenção de disputar á Inglaterra o senhorio dos mares. Por outro lado a concessão da autonomia ás republicas do Transvaal e do Orange, quando ainda está tão recente a memoria da ultima guerra, sobressalta o sentimento imperialista de uma parte da nação, que receia vêr perder por semelhante acto de fraqueza politica o fructo dos sacrificios feitos. O resultado das primeiras eleições, que desde logo entregou o governo das duas colonias aos boers com exclusão do elemento inglez na composição do poder executivo, não é de molde a tranquillisar este sobresalto.

Apezar de todos estes motivos de enfraquecimento do governo na opinião publica, crêmos que semelhantes causas não bastam para ex-



Na tribuna do Terreiro do Paço

Da esquerda para a direita: — Cardeal Patriarcha — Rei de Saxe — El-Rei D. Carlos — Conselheiro Hintze Ribeiro

plicar a tremenda derrota, que os liberaes acabam de soffrer nas eleições do «county council» de Londres. Houve evidentemente razões locais que em parte, e não pequena, também contribuíram para o descalabro dos progressistas.

E' sabido que a maioria socialista, que administrava a capital ingleza, de ha muito estava sendo atacada pelas exageradas despesas com alguns serviços metropolitanos. Muitas d'essas despesas, embora destinadas a obras de utilidade geral e até a fins altamente philantropicos, absorviam a maior parte das receitas ameaçando o contribuinte com a imposição de novas taxas. O resultado das eleições deve ser até certo ponto attribuido á reacção contra os processos administrativos, que ameaçavam a estabilidade financeira da capital ingleza.

Além d'isso a surpresa das eleições allemãs teria ainda dado o seu contingente para a derrota dos socialistas londrinos, animando os burguezes da Inglaterra a seguirem o exemplo dos burguezes da Allemanha na lueta victoriosa d'estes ultimos contra a social democracia.

O grande acontecimento que n'este momento domina completamente o mundo politico europeu é a reunião da segunda Duma no palacio de Taurida e o principio das suas deliberações. Não se sabe o que vai acontecer, mas tem-se o vago presentimento de que uma importante data está em vespuras de inscrever-se na historia da humanidade. Trata-se, com effeito, do destino de perto de 150 milhões de homens, e qualquer que seja a sorte que o futuro lhes prepare, não pode ella deixar de interessar profundamente todas as demais nações, que para bem ou para mal hão-de soffrer as consequências do que na Russia se resolver. Consegue esta segunda Duma realisar a pacificação do paiz, levando a effeito a reconciliação do tsarismo e da nação? N'este caso a Europa inteira tem de saudar o advento da nova recém-vinda á vida moderna da democracia e da liberdade; e este facto não pôde deixar de reagir de modo decisivo sobre a politica interna de alguns estados que, como a Allemanha por exemplo, ainda estão dominados pela reacção e pelo poder pessoal de um imperante. E mesmo que a victoria do parlamentarismo na Russia não tivesse outra consequencia senão o apressar o triumpho do regimen parlamentar na Allemanha, tal resultado importaria uma verdadeira revolução no nosso occidente, esmagado pela paz armada, que ha quasi quarenta annos lhe impõe a Prussia vencedora.

Não se realisam, porém, as esperanças da Duma, e volta-se novamente, depois da inevitavel dissolução d'ella, ao regimen da autocracia? N'este caso o movimento terrorista recrudescer, a catastrophe final approxima-se e da enorme fogueira que se ateará por todo o vasto imperio em dissolução, mais de uma scentella virá provocar o incendio no resto da Europa, a que não pôde ser indifferente semelhante convulsão nas suas fronteiras orientaes. Por isso, seja boa

ou seja má — seja de paz ou de guerra — a obra da actual Duma, não pôde ella deixar de interessar todas as nações, que para ella voltam com anciedade os olhares n'este momento de suprema espectactiva. Não se trata de um successo meramente nacional e circunscripto a uma região limitada. O que vai passar-se na Russia terá por theatro a Europa inteira e todo o mundo civilisado.



No Terreiro do Paço. — A colonia allemã esperando o desembarque do rei Frederico

Ha symptomas animadores e desanimadores a respeito do que será a nova Duma. Emquanto á sua composição forçoso é confessar que ella é peor do que a da primeira assembleia. N'esta a grande maioria era constituída pelos constitucionaes-democratas, o unico partido de governo actualmente na Russia. A direita quasi que não existia, e a extrema esquerda, constituída pelos socialistas que na sua grande maioria tinham abandonado as eleições, era muito pouco numerosa. De modo que haveria sido facil, se não fosse a cegueira de Goremykin, estabelecer um accordo entre o governo e a maioria da Duma.

A constituição da Duma actual presta-se muito menos a qualquer accordo com o ministerio, dado mesmo que tal fosse a intenção de Stolypin, o que é pelo menos duvidoso. A direita na segunda Duma augmentou muito, tornando-se além d'isso mais irreconciliavel. As esquerdas socialistas também augmentaram e apresentam-se mais



O coche real que conduziu ao Paço das Necessidades o rei Frederico de Saxe

Primeiro amor

A ti

D'uma tristeza vaga e torturada,
D'uma Saudade triste e indefinida,
D'uma esperança meiga e dolorida,
De desesperos e illusões formada,

D'uma tortura immensa e concentrada,
D'uma visão sonhada e inatingida,
— De tudo isto fizeste a minha vida,
Sob esse olhar fatal, Mulher gelada!

Gelada? — Sim, porque olhas e não vês,
Vês e não sentes a mortal paixão
Que em mim se nutre d'essa placidez...

Tu! que d'um mixto de alegria e Dôr
Formaste assim meu triste coração,
A' chamma eterna do primeiro Amor!

Horta — Janeiro 27-907

Manuel Rosa.



Exercícios militares no hyppodromo, no dia 9. — O rei de Saxe e o rei de Portugal

revolucionarias. Foram os *cadetes* os que diminuíram, e embora ainda sejam o grupo mais numeroso da opposição, perderam a situação preponderante que tinham na primeira Duma.

N'estes termos e com uma assembleia assim é muito mais difficil chegar-se a uma transacção. Por este lado as previsões não pôdem ser mais sombrias.

Verdade seja que até agora alguns indícios animadores se vão manifestando, de que a cruel experiencia do anno passado alguma cousa aproveitou aos deputados. Assim, foi eleito por accordo de todas as esquerdas presidente da assembleia o sr. Golovin, pertencente ao partido dos cadetes. O discurso do novo presidente, animado das melhores intenções conciliadoras e fazendo apello a todos os partidos da Duma, produziu excellente impressão, que mais ainda se robusteceu com a entrevista que o tsar concedeu ao sr. Golovin e na qual se diz, que reinou a maior cordealidade entre os dois.

Este incidente é innegavelmente de bom agouro, a menos que o procedimento do tsar não seja dictado pelo desejo de salvar as apparencias e de se desculpar de antemão por qualquer acto de força mais tarde contra os deputados. A composição da mesa fez-se inteiramente de partidarios da esquerda — constitucionaes e socialistas.

Até agora tudo tem caminhado bem. A primeira questão, porém, que desponta, já não é de molde a tranquilisar os partidarios do accordo entre os dois poderes em presença. Os socialistas vão apresentar, ao que se diz, uma proposta de amnistia completa para todos os delictos e crimes politicos.

E' de recear que este seja o pómo de discordia. Todos estarão lembrados, com effeito, de que foi uma proposta analoga que na primeira Duma abriu o conflicto entre a maioria e o governo. O que vai acontecer agora? Será o sr. Stolypin tão irreductivel n'este ponto como o seu antecessor?

Dentro de poucos dias se saberá.

Consiglieri Pedroso.

A humanidade pode considerar-se um homem que vai sempre aprendendo.

PASCAL.

A educação tudo consegue: até faz dançar os ursos.

LEIBNITZ.



Exercícios militares no hyppodromo, no dia 9. — Emalar mochilas

É mais essencial para um poeta ser verdadeiro no sentimento, do que na invenção. «Esta phrase, commenta um jornal hespanhol, encerra um tratado de poesia.»

RAINHA DA ROUMANIA.



Exercícios militares no hyppodromo, no dia 9. — O rei Frederico tirando photographias dos exercicios

Variedades

O casamento

As cerimonias matrimoniaes modificaram-se desde o rapto brutal até o casamento christão ou o civil que reconheceu o respeito devido á mulher.

Os homens primitivos, se desejavam casar, raptavam á força aquella que queriam para esposa. Isso só se faz actualmente na Australia e na Groenlandia. Com a civilisação, quasi todos os paizes abandonaram esse barbaro costume; alguns, porém, celebram os casamentos ainda com um simulacro d'esse uso. Os tartaros por exemplo: no dia determinado, o futuro esposo dirige-se á tenda da noiva, e ahí deposita presentes magnificos; em seguida elle e os seus companheiros, levantando os sabres recurvados, precipitam-se na tenda soltando gritos. A moça — já prevenida — sae por outro lado, monta a cavallo, e atravessa a galope as immensas steppes patrias, estreitando contra o peito um pequeno carneiro; quando o noivo consegue apoderar-se do animal é que ella se detem para segui-lo.

No Japão, o casamento é muito curioso. A cerimonia realisa-se na casa do futuro marido; n'uma vasta sala estão reunidos todos os deuses. A moça adianta-se, seguida de duas *moumés* vestidas de horboletas com musselina e gaze — e ajoelha-se ao lado do noivo. Ao redor d'elles sentam-se, em esteiras, os convidados. Uma das *moumés* toma, então, um vaso, e enche-o de aguardente; a outra dá essa

bebida aos esposos, alternadamente figurando assim a communhão que entre elles deve haver nas alegrias e nas dores.

Na maior parte das raças do Oriente, o homem compra a mulher, cujo preço varia, segundo a belleza. Dois homens estão sentados diante de uma meza; um d'elles propõe um tanto, o outro exige mais; e a cada nova pretensão esvaziam um novo copo de cerveja, até que ambos completamente bebidos caem no solo. — isso é um pedido de casamento na Sibéria! Nos povos de origem européa, essa compra não é mais que um rito, como no Montenegro, por exemplo: ahí o marido entrega aos sogros uma moeda de ouro.

Na Edade Média, as raparigas scandinavas traziam consigo uma bainha de espada, aquelle que desejava unir-se a uma d'ellas devia metter um gladio na bainha; conforme elle era conservado ou não, o pretendente estava acceito ou rejeitado. Mas isso só na Scandinavia; n'esse tempo em todos os outros paizes a mulher não podia escolher um marido.

Hoje os casamentos, em quasi toda a parte, só são feitos por vontade propria dos conjuges; mas quantos seculos foram precisos até o reconhecimento legal da liberdade da mulher, n'esse sentido?



Exerciciss militares no hyppodromo, no dia 9

O rei Frederico felicitando o capitão de cavallaria Alvim, a cruz de 1.º classe



Exercicios militares no hyppodromo, no dia 9. — Exercicios de infantaria — Um quadrado fazendo fogo

os seus collegas redobram de vigor, appellaram para a Justiça Federal, e, por seu turno, conseguiram annullar o que fóra deliberrado, e n'essa instancia obtiveram a concessão do *Habeas Corpus*, em virtude da qual se conserva no Rio de Janeiro o homem que escolhera essa cidade para sua residencia, depois de lhe ser commutada pela clemencia real a pena que estava cumprindo. Mais pretendem conseguir ainda os seus valentes defensores: que o dr. Urbino de Freitas continue no exercicio da clinica, sem que ninguem lhe possa ir á mão. N'esse ponto é a lei que o favorece, e que nem lhe exige exames publicos, dos quaes estão dispensados os que são ou foram lentes de uma Escola de Medicina.

Para a causa por que pugnavam com tanto denodo e galhardia conseguiram os advogados fluminenses todos estes beneficios e regalias em nome da lei, e, ao mesmo tempo que iam *ripostando* por esta forma triumphante aos formidaveis ataques dos seus adversarios, muitas vezes occultos na sombra ou no anonymato, sustentavam na imprensa a campanha com o mesmo brilho, e traziam para a sua causa a adhesão da opinião publica.

E essa manifestou-se por maneira tal que a vinda a Lisboa do moço advogado brasileiro é, por assim dizer, uma consequencia da vontade dos seus concidadãos. Elle é, com effeito, o mandatario de seis mil e tantos brasileiros e portuguezes que pedem ao Alto Poder Moderador de Portugal o perdão de Urbino de Freitas. Honra-os a elles, e ao seu incansavel representante, essa petição humanitaria a favor de um homem que os tribunaes condemnaram por um crime abominavel, e para o qual, se elle realmente o houvesse perpetrado, não haveria condemnação, não haveria pena que não merecesse.

Basta, porem, haver-se levantado a duvida em muitos espiritos, saberem-se opiniões até de juriconsultos eminentes, como do dr. Dias Ferreira, do dr. Alves de Sá, e de outros, que reconheceram ter sido tumultuario o julgamento de Urbino de Freitas, e de não ser baseado em provas o veredictum do jury, que o condemnou,

Dr. Fernando Mendes de Almeida Junior

O caso Urbino de Freitas

Está ha dias em Lisboa este advogado e jornalista brasileiro, filho do director do *Jornal do Brasil* o Dr. Fernando Mendes, o professor e o jornalista exímio que, não ha muito ainda, recebeu n'esta cidade uma consagração dos seus meritos e do seu caracter, a qual se traduziu no reconhecimento publico pelos serviços que ininterruptamente o *Jornal do Brasil* tem prestado a Portugal.

O nosso actual hospede, cujo retrato publicamos, é um homem ainda moço, com muito talento e assignaladas faculdades de trabalho. Como jornalista tem-se evidenciado no *Jornal do Brasil* e sobretudo n'essas duas magnificas revistas *O Mez* e a *Revista da Semana*, das quaes é director, e que provam a cultura litteraria e artistica do Brasil e o adeantamento a que tem chegado no Rio de Janeiro as artes graphicas.

No fóro fluminense, onde com brilho tem defendido causas difíceis, occupa um lugar em evidencia, conquistado palmo a palmo pelos elementos de vontade, de energia e de intelligencia, que põe em acção para o exito da defeza, para a victoria da justiça.

Agora, por exemplo, a missão honrosa e humanitaria que o traz a Portugal é a ultima *étape* da campanha colossal que o dr. Fernando Mendes Junior tem sustentado dia a dia, hora a hora, com adversarios poderosos, para fazer respeitar a lei brasileira, para que Urbino de Freitas não possa ser expulso do territorio da Republica.

Esta campanha, que elle e os illustres advogados Celso Bayma e Moitinho Doria, sustentam com um denodo e um brio acima de todo o louvor, responde áquella que foi iniciada na sombra, no Rio de Janeiro, por adversarios que quizeram a todo o transe afastar um concorrente perigoso, sobretudo na cura da lepra, em que o homem condemnado pela justiça portugueza, taes resultados scientificos obtivera, taes *milagres* realisára, tanto em evidencia pozêra a defliencia dos meios empregados até ahí, que se tornava um desafio e uma affronta a sua estada na capital brasileira.

Chegaram a conseguir que a expulsão de Urbino de Freitas fosse decretada; mas, nesse momento, o dr. Fernando Mendes Junior e



Dr. Fernando Mendes de Almeida Junior

para que a consciencia publica acceite de boamente, até ao perdão, as commutações com que a clemencia régia tem ido a pouco e pouco eliminando os effeitos da gravissima pena.

Para o desempenho d'esta missão nobilissima, para depôr a pe-

tição, firmada por tantos nomes, nas mãos d'el-rei, não podiam elles escolher representante mais digno que o vice-almirante Augusto de Castilho, cuja competencia para o fim especial é abonada por um caracter sem mancha e por serviços assignalados ao seu paiz.

Pelo que nos toca, visto ser o conselheiro Augusto de Castilho um dos directores do *Brasil-Portugal*, cabe-nos uma quota parte no exito da missão que lhe foi confiada por milhares de brasileiros e de portuguezes, e não ommittimos os votos sinceros que fazemos para que sejam coroados do resultado que esperam os esforços nobilissimos do dr. Fernando Mendes de Almeida Junior e dos seus camaradas no fóro brasileiro.

O texto da petição entregue a El-Rei

É d'este teor o documento subscripto por portuguezes e brasileiros, que o sr. contra-almirante Augusto de Castilho entregou a El-Rei:

«*Senhor*: — Dobrado ao peso do infortunio, aqui jaz entre nós, trabalhando honestamente para o seu sustento e o da sua familia, o dr. Vicente Urbino de Freitas. Desde setembro de 1905, até esta data, não tem elle feito aqui outra coisa senão trabalhar sempre, trabalhar incessantemente para amparar a sua vida atormentada pela miseria.

Na lucta quotidiana, no desempenho da sua missão professional, na dedicacão e no carinho com que tem acudido sempre aos que se soccorrem da sua sciencia, na incomparavel serenidade de animo com que affirma invariavelmente a sua innocencia ante a terrivel accusacão de que é victima, n'essa esperanca tenaz que o não desampara, pelo dia da rehabilitacão, na fé que revela em um melhor destino, vê-se bem que o dr. Vicente Urbino de Freitas é uma d'essas creaturas merecedoras da mercê de vossa magestade fidelissima, se porventura, já não fosse titulo bastantissimo para a vossa generosa attentão o exemplar comportamento que tem tido durante os longos e penosos annos de sacrificio.

Senhor. — Não queremos por forma alguma entrar na apreciacão das circumstancias que determinaram a condemnacão do dr. Vicente Urbino de Freitas. Deante, porém, da controversia levantada em torno da sentença, sabido que a paixão popular do momento poderia ter perturbado a serenidade dos debates, e conhecida a insistencia tenaz com que o condemnado proclama a sua innocencia, occorre-nos solicitar de vossa magestade fidelissima o seu perdão, para que o expatriado possa socorrer-se dos meios necessarios e indispensaveis á rehabilitacão do seu nome e do dos seus filhos.

Senhor. — Já vae por quasi 17 annos essa tremenda e inenarravel peregrinacão do condemnado pelo carcere, pelo presidio, pelo degredo e pelo exilio, tendo para acompanhar-lhe o nome a accusacão tragica de um crime infernal.

E durante este longo periodo de tempo, sempre, incessantemente, continuamente, brota-lhe dos labios a exclamacão da innocencia, emquanto lhe irrompe do coração, para irradiar-lhe na physionomia já macerada pelo infortunio, essa fé no destino, que é o alento e o amparo d'essa vida tão cheia de desgraças, tão abundante de calamidades, bastantes todas para trucidar-lhe a alma e matar-lhe a existencia, se porventura, *Senhor*, dentro d'essa alma e no fundo d'essa existencia, não houvesse a certeza ou pelo menos o presentimento do triumpho final da Verdade, do Direito e da Justiça.

O dr. Urbino de Freitas affirma sempre, com uma insistencia e uma firmeza merecedoras de chegar aos ouvidos de vossa magestade fidelissima, que é innocente.

Na attitudo, no gesto, no vigor e na emoção com que formula o seu protesto, ha sem duvida alguma cousa que não pode deixar de irromper de uma consciencia fortalecida pela innocencia.

E essa tranquillidade impassivel no meio de tanta desventura, quando o seu espirito vaga dilacerado por um sem numero de conjecturas, atormentando pelo peso da accusacão infamante, contra a qual teem sido impotentes todos os esforços, todos os impetus da sua alma dobrada ao fardo da tremenda responsabilidade, essa fortaleza de animo contra a qual se teem esbozado 17 annos de torturas de toda a ordem, o desprezo dos amigos convencidos da sua criminalidade, o odio dos seus rancorosos inimigos, só podem ser supportados por um espirito a quem a consciencia da injustiça dê forças e energias para soffrer, para penar resignadamente a horrivel condemnacão dos seus contemporaneos.

E se porventura, *Senhor*, é uma realidade a sua innocencia, se ha no fundo do seu processo um erro, se a sua sentença final representa o producto de circumstancias extraordinarias accumuladas pelo destino contra a victima da fatalidade, ninguém, christãmente, nol-o poderá affirmar ou negar em sã consciencia.

Perdoae, *Senhor*, ao condemnado que, com 57 annos de idade, no ultimo quartel da vida, já debruçado sobre essa varanda do tumulo, de que falava o grande parlamentar portuguez, não faz outra cousa mais senão trabalhar devotadamente, honestamente, para conse-

guir os recursos com que possa lavar o seu nome da sinistra accusacão que lhe é feita.

Senhor: — Se as leis de Portugal não são um embaraço á vossa clemencia, se nenhuma consideracão de ordem social ou politica se pôde antepôr á vossa generosa mercê, completae a obra da regeneracão que vós mesmo, *Senhor*, iniciastes, perdoando a Urbino de Freitas, para que seja permittido ao expatriado exercer em toda a sua extensão o sagrado direito de defeza, rehabilitando o seu nome e o nome de seus filhos.

Assim, os abaixo assignados, portuguezes e brasileiros, confiados no alto espirito de magnanimidade de vossa magestade fidelissima, ousam esperar que lhes seja concedida a graça que impetram em favor do dr. Vicente Urbino de Freitas.»

PENSAMENTOS

A mulher é mais maltratada pela civilisacão que pela natureza

MICHELET.

Nos matrimonios mal avindos, as mulheres são menos culpadas que os homens, porque ao menos não foram ellas as que escolheram.

MAD. DE RIUEX.

Quando um amigo meu é infeliz vou procural-o; se é feliz espero por elle.

PETRET.

Estudantes de Coimbra

Em Lisboa



A caminho das Côrtes



No largo das Côrtes

Conselheiro João Arroyo



Auctor da opera "Amor de Perdição"

Estadista, professor, parlamentar, orador eloquente, os multi-
plos talentos do sr. conselheiro João Arroyo por tal forma o pozeram
em evidencia, que a sua primeira opera, cantada no theatro lyrico
de Lisboa, foi, como não podia deixar de ser, um acontecimento
sensacional, d'aquelles que no mundo da Arte marcam uma epoca.

Amor de perdição

Opera em 3 actos, musica e libretto de João Arroyo

Uma das maiores aspirações do mundo culto é possuir um
compositor digno d'esse nome. As grandes nações teem
empregado os seus melhores esforços para conseguirem
esse fim. A poderosa Inglaterra, que teve um Haendel
ha tres seculos, tem visto todas as tentativas inutilizadas.
Ha dez annos o telegrapho annunciou ruidosamente o triumpho
de Sir Arthur Sullivan com o *Ivanhoé*, extrahido do romance de
Walter Scott, do mesmo nome. Foi ephemero esse triumpho, por-
que tres dias depois esse mesmo telegrapho disse que se tinha en-
ganado.

A Russia tem sido mais feliz que a sua rival e conseguiu resul-
tados proficuos, graças aos mais intelligentes esforços empregados
nos seus conservatorios, a ponto de produzir nomes como Bazakillef,
Cezar Cui, Alexandre Borodine, Rumsky, Glazounoff, e Korsakoff.
A raça Slava tem jus á consideração do mundo lyrico com a
grande opera historica de Antonio Dvorak *O Falso Dmitri*, e a
opera comica de Smetana *La fiancée perdue*.

Lisboa tem o privilegio de invenção de um novo meio para con-
correr á gloria de possuir um bom compositor. Uma grande quanti-
dade de curiosos, que são dotados d'uma fecundidade rara, abrange
todos os generos. Elles vão desde o profano ao religioso, desde a
grande opera á operetta. Ha *Te Deums*, missas, canções, valsas,
e ha até quem escrevesse que uma das missas é composta com
musica no genero de Wagner.

E' quasi uma tribu o numero d'esses curiosos. Nem toda a gente
faz colheres, mas em Lisboa todos sabem compôr musica.

Nas operas, os actos differem uns dos outros por completo e no
mesmo acto ha musica de diferentes generos. Segreda-se que o
maestro fulano fez isto e maestro beltrano aquillo.

Onde começou a collaboração e onde acaba?
Nem uma só d'essas produções pertence a estylo e genero de-
terminado, para que se possa dizer ao mundo sincero e illustrado
que foi tudo producto d'uma só pessoa, e é esse o mais grave defeito
que acompanha estas extravagancias pouco artisticas.

O *Amor de Perdição* tem côros de mais e inspiração de menos.
Pois deve ser conhecida de todos a opinião de Ricardo Wagner de
que muita gente não deve com insistencia dizer a mesma cousa.

Vê-se que o sr. Arroyo pensa diversamente; mas nem por isso
poderá gloriar-se de ter feito uma obra moderna. De tudo e de todos
se emancipou Charpentier, o seu genio insubmisso rejeitou todas as
escolas, e comtudo a *Luiza*, sem obedecer a qualquer influxo extran-
ho, nem mesmo ao Wagneriano, não deixa de ser com encanto, uma
obra lyrica do mais alto valor. As fórmãs deseguaes e convencionaes
que dominam em toda a partitura do sr. Arroyo sómente permittem
que lhe seja concedida a denominação de opera, mas opera de mol-
des antiquados, que estão fóra do uso. Querem uma prova cabal do
que avancamos?: o final do 2.º acto.

O preludio da opera é composto de phrases vagas, hesitantes e
indeterminadas, que sabem oppressas e sem connexão. Procuram-se
os motivos, que escapam á observação mais attenta. E' uma produc-
ção pretenciosa e mais nada.

Salientam-se no 1.º acto os interminaveis côros de cinco pessoas,
que fatigam sem offerecer interesse. O duetto de Thereza e Simão,
mal conjugado, soffre do mesmo defeito: tambem parece não ter fim.
O tenor é que d'esse momento em deante se torna o symbolo da
opera. No dia em que elle faltar está tudo perdido! Que maneira de
andar, de estar em scena, que phisionomia, que gestos! Nasceu —
vê-se bem — para o *Amor de Perdição*, que não poderá mais viver
sem elle.

O acto acaba n'um final melodramatico, nada moderno e que dá
uns longes de Mercadante, mas... de qualidade avariada.

No 2.º acto pretendeu o maestro introduzir uns bailados nacio-
naes, e aqui seria o momento de dar a esse trecho de musica um
caracter tão accentuadamente portuguez, o encanto especial das nos-
sas modas populares do norte, essa pagina teria um destaque tão
poderoso e — porque não havemos de dizer — tão patriótico, que d'ella
só poderia resultar gloria e brilho para o nome do compositor!

O sr. Arroyo tentou evidentemente esse esforço, mas não conse-
guiu o que pretendeu. A instrumentação é pobre e não corresponde,
por não ser adequada.

Se à *bout de ressource* não vae introduzir n'um bailado portuguez
aquella *soit disant* valsa de Chopin não conseguia tirar-se de diffi-
culdades cuja resolução mais ainda veio agravar a tentativa e inu-
tilisa-la.

Eis-nos chegados ao concertante com que o acto remata; eis-nos
em presença de um thema tão tetrico, de uma composição musical
tão fóra da época, que se não existisse, nem porisso minguariam os
creditos do spartito, dada a hypothese de os merecer.

Ao escrever essa pagina, passaram sem duvida pelo espirito do
sr. Arroyo umas reminiscencias da *lacrimosa* do *Requiem* de Verdi,
mas tão mal accommodadas ficaram, que n'este logar o proprio Verdi
as engeitaria.

Observações de diversa natureza tinham cabimento n'esta altura
sobre a má impressão d'este concertante. Mas o tempo não nos sobra,
e a uns reparos nos limitamos. Aquelle tenor, que no primeiro acto
se nos affigura indispensavel em toda a opera, só n'esta pagina, que
deve ser a primacial, é abandonado pelo maestro, que o atira para
um logar inferior, deixando-o quasi em silencio durante todo o sex-
teto. É sendo elle o protogonista, a primeira figura do *Amor de per-
dição*, como se comprehende esta anomalia!

Como se comprehende tambem que Theresa, n'esse mesmo con-
certante, diga phrases diversas, completamente suas, com a musica
de todos!

E' este um caso e um criterio que nem o proprio Mercadante,
atrazado e archaico, perfilharia!

Digno de menção ha um trecho no 3.º acto: é o duetto de Simão
e de Theresa; mas monotono, sem divergir do primeiro, não traz
para o ouvido nem para a apreciação nenhum elemento novo.

E aqui está o que é a ultima partitura firmada por um nome por-
tuguez. Acabou de se ouvir e o espirito fica desinteressado, e o ou-
vido não recorda um trecho sequer, e os labios não traueiam um
d'esses tantos *nadas* musicaes, que comtudo não esquecem nunca!
E' que passou por elles a *griffe* da inspiração.

O *amor de perdição* é mais um esforço inutil, mais uma obra que
vem enfileirar ao lado de tantas tentativas portuguezas condemna-
das a dormir o somno eterno nos archivos do nosso theatro lyrico.

José SARAGGA.

PENSAMENTOS

Quem quer vae, quem não quer manda.

E' mais custoso satisfazer uma falta do que educar dois filhos.
Cuidado com as pequenas despesas. A falta de uma pouca d'agua
pode fazer encalhar um grande navio.

Se compraes o que vos é inutil, não tardareis a vender o que vos
é necessario.

Pensae bem ao contrair uma divida: ellas trazem a mentira nas
costas.

A tuberculose e a escola

Muito interessante, sob todos os pontos de vista, o folheto que o dr. Sacadura acaba de lançar a lume — um brado contra o desleixo a que se tem votado a creança que é atirada para as escolas insalubres em que se não observam os mais rudimentares preceitos de hygiene.

Se o espaço nos sobeja, pediríamos licença ao auctor para transcrevermos o seu valioso trabalho que todos os chefes de fa-



Dr. S. C. Costa Sacadura

milia devem ler e que os poderes publicos deveriam bem pesar. Permittimo-nos no entanto transcrever d'essa exposição tão clara e util alguns trechos:

*De todos os capitulos da hygiene social, a puericultura e a hygiene escolar parecem-me os mais interessantes e os mais fecundos em resultados, pois que se traduzem n'uma verdadeira riqueza nacional, pelas gerações vigorosas que podem preparar.

Portanto a todos os que teem por dever cuidar da saude e do vigor do povo portuguez, impõe-se a obrigação de olhar com especial attenção para a hygiene da infancia que até hoje não tem despertado grande estima, podendo mesmo affirmar-se que tem sido bastante descurada.

Nenhum dos outros ramos da hygiene das collectividades, militar, industrial, etc., poderá attingir completa perfectibilidade, se não tiver como prefacio uma boa hygiene infantil; d'ahi a necessidade da boa organização de maternidades e escolas, que são um factor economico de importância capital para a prosperidade de um povo. Doloroso é confessal-o: em Portugal não ha uma unica maternidade capaz de preencher os justos fins para que são creadas, não ha uma unica escola que, em todas as suas partes, sob o ponto de vista hygienico, possa servir de modelo.

A falta de maternidades com um funcioimento perfeito traduz-se na perda de centenas de vidas; a falta de hygiene escolar traduz-se no definhamento da raça portugueza.

*O homem é um valor social, e por isso mal se pode avaliar em quanto é desfalcado o nosso haver nacional pela carencia de maternidades e de uma protecção bem organizada á infancia que lhe possa servir de amparo nas diversas crises a que está sujeita.

Por outro lado nunca poderemos constituir um povo forte e productivo, enquanto nas escolas, em vez de conservarmos e melhorarmos a saude das creanças, as deformarmos, encarcerando-as em edificios absolutamente improprios ao fim a que se destinam.

Se a escola quer ser, ao lado da familia, o sanctuario da instrucção e da educação, deve, antes de tudo o mais, ter em vista a saude d'aquelles que deseja educar.

E, de todos os graus de ensino, a escola primaria é que deve merecer mais attenção, visto que recebe a creança na mais tenra idade, altamente susceptivel de soffrer, por vezes de uma maneira irremediavel, as funestissimas consequencias de uma má hygiene.

... A hygiene bem orientada nas escolas daria resultados admiraveis e de enormissimo valor, não só pelas consequencias immediatas, mas mais ainda pelo ensinamento que as creanças levariam ao seio da sua familia no presente, e pelo poder educativo que infundiria no seu futuro.

E assim a prophylaxia anti-tuberculosa escolar, que mais de

perto quero agora considerar, alliviaria os dispensarios e sanatorios da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, as consultas e enfermarias dos hospitaes e outros estabelecimentos de beneficencia que officiaes quer particulares.

Largamente se prega que a tuberculose é curavel, que é mesmo a mais curavel de todas as doenças chronicas, mas é indispensavel accrescentar sempre que a sua curabilidade é tanto maior quanto mais cedo se diagnostica e se trata.

Emquanto se propagam estas affirmativas animadoras, melhor seria ainda espalhar que a tuberculose é evitavel e pôr em acção todos os meios hoje bem adquiridos pela sciencia para embaraçar o passo a tão danoso morbo.

Pouparíamos assim em vidas e em dinheiro e produziríamos uma população mais válida e mais feliz.

De todos nós é conhecida a frequencia da tuberculose ganglionar da infancia e não ignoramos que, latente, espera a primeira oportunidade para se desenvolver e manifestar a sua destruidora accção.

Todos os medicos e hygienistas referem que os melhores factores para o desenvolvimento da tuberculose e de tantas outras doenças devastadoras são a permanencia em locais insalubres, trabalhos em attitudes viciosas, *surmenage* physico e intellectual, especialmente a fadiga da larynge e dos órgãos respiratorios; como factores de uma boa prophylaxia indicam-nos o ar puro, o sol e boa alimentação.

Pois nas nossas escolas de uma maneira intensa desprezamos os segundos e adoptamos os primeiros.

O sol rarissimas vezes visita as salas da classe; o ar que ali se respira é viciado, fetido, nauseante; nenhuma refeição confortante se distribue ás creanças pobres que frequentam as nossas escolas officiaes.

Locaes insalubres são uma grande parte das nossas escolas, e improprias para o fim a que se destinam são quasi todas.

... A entrada suja e lugubre mais parece a de uma prisão do que a de um templo de luz. Lá dentro não ha plantas, não ha flores, não ha uma nota alegre que encante e vivifique. As paredes são nuas de quadros adequados ao ensino e á educação e teem uma côr triste e desbotada que em tempos, quando fresca, agradou ao gosto do pintor, mas nunca obedeceu aos preceitos da hygiene.

Dos edificios onde estão installados os lyceus de Lisboa, particularmente o lyceu de S. Domingos, dispenso-me de repetir o que varias vezes tenho escripto. São velhos casarões anti-hygienicos, sendo os alumnos obrigados, por falta de jardins ou pateos, a passar os intervallos em ruas poeirentas e sujas, em contacto com elementos contrarios á instrucção e educação que devem receber n'esses estabelecimentos.

A construcção de edificios proprios para escolas torna-se urgente e indispensavel em nome da hygiene, da moral e da economia.

... A prophylaxia anti-tuberculosa seria mais proveitosa aos nossos estabelecimentos de ensino, se o professorado saisse das suas escolas de habilitação bem conhecedor das questões de hygiene escolar, pois que sendo a hygiene na escola applicada pelo professor, valeria na pratica o que vale a instrucção hygienica dos mestres.

Mas a verdade é que esse ensino não existe e é indispensavel estabelecê-lo em todas as escolas primarias, normaes, secundarias e superiores.

O ensino da hygiene nas escolas normaes será como que o prologo das lições que os alumnos de hoje transmittirão aos seus alumnos de amanhã, e por isso este ensino devia ser aqui confiado a medicos pedagogistas para que os professores primarios ficassem habilitados ao estudo da creança, base essencial da instrucção e da educação do povo.

... O professor primario intelligente e dedicado, a proposito das varias circumstancias da vida escolar, tem muitas occasiões de praticamente incutir no espirito da creança regras de hygiene, hábitos de aceio e de attitudes correctas que muito contribuirão para tornar a creança enfezada de hoje no homem forte e válido de amanhã.

A creança devem-se ensinar os preceitos hygienicos que lhe garantam a saude e lhe preparem assim uma felicidade relativa, porque mostrando-lhe bem as funestas consequencias de uma má hygiene, procurará evitar o soffrimento, visto que o sabe prever. Em casa repetirá o que na escola lhe ensinaram e a familia seguirá muitos d'esses principios salutaes.

Nas escolas secundarias e superiores largo alcance social terá o ensino da hygiene, pois que de uma maneira efficaz se pode combater a tuberculose, o mal venereo, a syphilis e o alcoolismo.

Nas escolas normaes e secundarias do sexo feminino o ensino da hygiene deve abranger o estudo do valor nutritivo dos alimentos, a hygiene de habitação e, principalmente, os cuidados a dar aos recém-nascidos.

Emfim, as noções de hygiene devem fazer parte integrante e obrigatoria dos conhecimentos de todo o homem, e seria sem duvida a forma de evitar a muitas familias, a doença, a miseria e talvez a ruina.

O folheto do illustre homem de sciencia termina por estas conclusões judiciosas:

*A organização pratica da inspecção medica das escolas impõe-se como uma necessidade urgente e que não pode protelar-se por muito tempo.

E' indispensavel promover com effectividade o exame medico das creanças da escola primaria e estabelecer ali o livrete sanitario individual, como necessario é reorganisar-o e preencher-o nos estabelecimentos de ensino secundario.

Muitos casos de tuberculose podiamos evitar, se conveniente-

TACHYGRAPHIA

mente tratassemos as creanças que tanto abundam nas escolas e que tem sido atacadas de uma doença tuberculizante como o sarampo, coqueluche, pleurisia, adenopathia tracheo-bronchica, etc. Quantas tuberculosos não se curariam, se as fossemos diagnosticar cedo nos alumnos das escolas, n'uma epoca em que esta doença é muito mais facilmente curavel?

Que largo poder educativo não teria o ensino da hygiene e prophylaxia nas escolas! Emfim, a obra de preservação e assistencia anti-tuberculosa na escola é de incommensuravel valor.

Entre nós, porém, tudo ha a fazer. Construcção de edificios, aquisição de mobiliario e material escolar, organização do ensino da hygiene das escolas primarias, secundarias e superiores, organização productiva da inspecção medica, etc.

Ainda mais — é preciso preparar o espirito publico para se submeter a medidas de hygiene social e as familias para comprehenderem a benefica influencia da hygiene escolar, collaborando com os professores e com os medicos na educação integral dos seus filhos.

A lucta é grande, pois que é preciso vencer a inercia de uns, a má vontade de outros e a ignorancia do maior numero.

Torna-se, pois, necessario que os amigos da escola se associem e fundem uma Liga de Hygiene Escolar para interessar o maior numero de pessoas no aperfeiçoamento da hygiene e da educação physica nas escolas, contribuindo assim para a realização de todas as aspirações da humanidade e que se formulam por uma palavra — Progresso.



A Silva Pinto

OS VELHOS

Gemendo, ao vento, mal aventuradas,
Velhinhas passam a tremer de frio;
E, dos beiraes, caindo nas calçadas,
Prantos em chuva choram algum rio.

Das nuvens pelo tempo esfarrapadas,
O livido parado e doentio,
Entristecendo até as namoradas,
Esfuma o ceu vago em pesar sombrio.

Velinhos passam. Quem assim será!
Já foram como nós. A mocidade,
Tempo, que foge, aonde a levará!

Velinhos passam, ah, morrer quem ha-de!
Moços da cova, ai, que bem fará
Ver nos vossos, uns olhos com saudade!

SONETO

Extranho ver em ti contentamento!
Ha nos teus olhos, santa, essa ternura
Que me leva p'rá luz o pensamento,
Quando me fitas n'esta noite escura.

Não sei se amor, não sei se desventura,
Prazer, talvez, que mata de tormento;
Quando me foges vive esta amargura
Que gera na nossa alma o desalento.

Um mal estar, uma incerteza alada,
P'la minha voz ainda não tocada,
Alguma coisa singular e pura:

Coisa extranha, que eu sinto amortalhada
No peito, como um sonho de ballada:
Não sei se amor, não sei se desventura!

(Do *Por longes terras*, a sair.)
POEMA DE SAUDADE

Celestino David.

Temos sobre a nossa meza de trabalho dois volumes da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, que encerram um trabalho de valor incontestavel sobre *tachygraphia*, elaborado pelo sr. Pery de Linde, cuja competencia sobre o assumpto é reconhecida. Vimos tarde á estacada, mas muito a tempo para recommendar este trabalho valioso aos nossos leitores. Estes dois pequenos volumes de propaganda educativa impõem — pela for-



J. Fraga Pery de Linde

ma, pela clareza e pela simplicidade da exposição accessivel á comprehensão de todos.

A proposito das vantagens do ensino da *tachygraphia* vem de molde estas considerações judiciosas do auctor:

«A arte-ciencia cujo fim principal é reproduzir fielmente pela escripta a palavra falada tem remotissima origem: já em Plutarco se encontram noções d'ella e, por exemplo, Xenophonte a empregou para conservar os preceitos de Socrates. Depois, teve entre os romanos mui notavel desenvolvimento, e aos «notarios» do Senado se deve a conservação dos discursos de Cicero e de Catão. Séneca a cultivou tambem e Tyro foi dos seus mais distinctos cultores. D'este ultimo se conservam ainda autographos na bibliotheca do Vaticano.

Desde os primeiros tempos do Christianismo comprehendiam os Doutores da Igreja o enorme valor da *tachygraphia*; e na bibliotheca de Paris tive já occasião de examinar preciosos manuscritos stenographicos, que datam dos primeiros seculos da era christã.

Quasi inteiramente perdida no meio do obscurantismo da Edade-Média, não lograram, contudo, esses tempos de barbaria aniquilal-a, e, posto os seus adeptos fossem então perseguidos como nigromantes e adeptos de cabalistica sciencia, vemol-a resurgir entre os povos modernos, e expandir-se até á actualidade, com extraordinario desenvolvimento.

Esse periodo aureo da sciencia *tachygraphica* teve como principal propulsor a implantação do governo representativo no regimen das nações; e, como foi a Inglaterra aquella em que tal systema primeiramente foi estabelecido, ali foi tambem, consequentemente, que a *tachygraphia* renasceu em primeiro logar. Desde o seculo xvi, cerca de setecentas obras tem sido escriptas em lingua ingleza sobre *tachygraphia*, cujas epigraphes são mencionadas n'um catalogo que tenho presente, isto sem contar com as numerosas edições de muitas d'ellas.

O primeiro d'esses trabalhos foi escripto por Bright e impresso em Londres, em 1588.

Universalmente reconhecida como indispensavel para a mais fiel reproducção dos debates parlamentares, não deixou, contudo, a *tachygraphia* de ser considerada como proveitosissimo auxiliar em variados ramos da actividade humana, como, por exemplo, no exercicio da advocacia, no jornalismo, nos cursos de instrucção secundaria, superior e especial, nos trabalhos de copia para os quaes o copista não disponha, no momento, de largo tempo, para os executar, etc., etc.; e é assim que o numero de *tachygraphos* se tem multiplicado na Grã-Bretanha, na Allemanha, na França, na Belgica, na Italia, nos Estados-Unidos da America do Norte, etc., etc. Na Peninsula Iberica (embora na Hespanha se encontre um numero muito superior ao dos *tachygraphos* portuguezes) esse desenvolvimento tem sido muito menor.

Isto quer dizer que, em Portugal, a *tachygraphia* não tem encontrado meio de expandir-se.

E' uma triste verdade: Ao passo que, em França, já a Convenção

Theatros

Trindade, Jogo franco. — Avenida, Fan, fan, la Tulipe. — D. Maria. — Gymnasio. — D. Amélia. — Príncipe Real. — Rua dos Condes. — Colyseu dos Recreios.

Poucas novidades a registar. Não foi fecunda a quinzena theatral. Apenas a **Trindade** e a **Avenida** nos deram peças novas. Estamos confiados em que a quinzena que entra compensará a penuria dos dias decorridos desde o apparecimento do ultimo numero do *Brasil-Portugal*.

Estava de ha muito annunciada a revista *O Jogo Franco*, e o titulo, pôde afirmar-se, é o melhor achado que os auctores fizeram. Basta pronuncia-lo para logo, pela toante, se descobrir o nome do politico que elles pretenderam atirar ao publico.

Os srs. Eduardo Fernandes e Penha Coutinho estão afeitos ao genero e tão fiados na tradição que os acompanha que julgaram desnecessario remover do seu trabalho actual processos e effeitos que tinham colhido exito nas revistas anteriores, não só originaes d'elles mas de outros revisteiros.

Assim, puzeram de parte os acontecimentos principaes do anno que vivavam, e as occorrencias politicas que maior sensação fizeram parece que os autores tiveram o meticoloso cuidado de as omitir, talvez com o fim de provar que são processos velhos e por isso desnecessarios... Decerto estão a estas horas convencidos de que esse criterio não é o verdadeiro.

Julgaram porventura que a cornucopia da Trindade, da qual saem maravilhas de scenario e de guarda roupa, e comparsas numerosas, e algumas bem bonitas, o que é quasi bastante, era a condição indispensavel e principal para o exito da Revista. Não se enganaram em parte, no que bem provaram conhecer á farta o empresario da Trindade que nunca se poupa a despezas nem a sacrificios para que as peças novas que sobem á scena no seu theatro primem pelo bom gosto e pelo luxo.

O primeiro acto do *Jogo Franco*, é, sem duvida, o melhor. E' que os auctores tiveram a idéia feliz de por elle fazer desfilar quadros e typos alfacinhas, e andores postos com riqueza, entrando n'um cortejo imponente que basta para encher o acto.

Já não são do mesmo effeito as scenas do jogo, que tambem formam cortejo no segundo, não obstante ter novidade e originalidade a apresentação das *duzias* da roleta.

Nos quadros do ultimo acto especialmente, o das estampilhas, ha phantasia e exhuberancia de scenario, mas a nosso ver, repetimos, os auctores do *Jogo Franco* teriam tido mais decisivo exito, se não deitassem fóra os processos, as allusões, as criticas, que constituíam a parte mais importante das passadas revistas.

Para o empresario Taveira, que com tanto esplendor poz em scena a Revista, é que são poucos todos os elogios, que muito bem repartidos ficam pelos artistas que mais se salientaram nos seus papeis, pelo velho Queiroz, por Thereza Taveira, Amélia de Barros, Emilia de Oliveira, Delphina Victor, Dolores Rentini, Gomes, Mattos, Santinhos, Salvaterra, Correia, etc. creando alguns d'elles excellentes typos comicos.

Os scenographos Eduardo Machado, Luiz Salvador e José d'Almeida, e os maestros Filippe Duarte e Luiz Filgueiras, merecem tambem especial elogio pela sua brilhante collaboração no *Jogo Franco*.

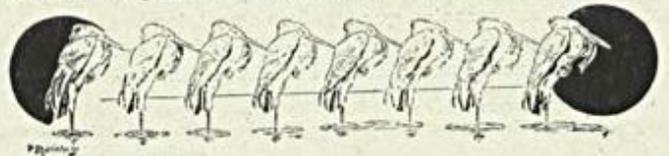
No **Avenida** dizem-nos que na festa da laureada actriz Amélia Lopiccolo foi á scena a opereta *Fan, Fan, la Tulipe*.

Não tivemos ainda ensejo de a ver, mas segundo nos affirmam é das peças mais bellas, mais delicadas, e mais bem representadas que tem subido á scena n'aquelle theatro, onde a Revista *Favas Contadas* do nosso collaborador Camara Lima tem sido um maná para a empresa, para o auctor e... para o publico.

D. Maria, fez a quinzena com o *Amor á antiga* e o *Frei Luiz de Sousa*, no **Gymnasio** tem sido o prato de resistência *O papa leguas*, prepara-se o **D. Amélia** para receber condignamente a grande actriz italiana Tina di Lorenzo, o **Príncipe Real** está fazendo *reprise* da *Mam'selle Nitouche* e outras peças e levou á scena com exito, em *première*, a *Batalha Eleitoral*, firmada por Henrique Lopes de Mendonça, a **Rua dos Condes**, em quanto não apresenta a nova Revista *Cartas na meza*, vae entreendo o seu publico com as velhas revistas que tamanho exito tem obtido, e finalmente o **Colyseu dos Recreios** porfia em mostrar á população da cidade que as novidades não acabam, que umas succedem ás outras e que, por via de regra, as ultimas são sempre as melhores.

Ainda não tinha acabado o assombro pelos trabalhos de Bellini, na transmissão do pensamento, ainda Gil'ó, o homem artificial estava fazendo a cabeça doida a quantos queriam desvendar o segredo, ainda estavam em começo as sessões do colossal animatographo, e já o empresario habilissimo espalhava aos quatro ventos que uma outra novidade ia surgir e que o publico de Lisboa ia ter occasião de ver e applaudir uma nova celebridade: a pianista Pia Carozzi.

Pois a expectativa foi excedida. Pia Carozzi alem de ser uma extraordinaria harpista é uma mulher ainda mais extraordinaria.



decretava que as lições dos professores da Escola Normal fossem stenographadas, (a fim de serem depois impressas e enviadas aos prefeitos e estes as distribuirem pelos estudantes das provincias) — quantas primorosas dissertações teriam sido assim recolhidas nos nossos estabelecimentos de ensino official, se pela mesma fórma se procedesse em Portugal! — ao passo, repito, que em França, se dava, ha mais de um seculo, uma prova tão concludente do reconhecimento por parte dos poderes publicos dos enormissimos serviços que a tachygraphia pôde prestar, como agente de divulgação e instrução, em Portugal entrou ella, officialmente reconhecida, vacillante e tímida, pela mão de um estrangeiro, apenas em 1822.

De facto, quando no nosso paiz se puzeram em pratica os primeiros tentamens para o estabelecimento do systema representativo, foi parallelamente reconhecida a necessidade de se organizar um serviço tachygraphico, graças ao qual se pudessem reproduzir os debates da assemblea legislativa e, assim, foi contractado para organisador d'esse serviço o hespanhol Angelo Ramon Marti, que, já como «tachygrapho-mór do Soberano Congresso da Nação Portuguesa e professor publico de tachygraphia em Lisboa», adaptou ao nosso idioma, em 1822, o methodo que seu pae, Francisco de Paula Marti, — o primeiro tachygrapho tambem do reino visinho — adaptára ao seu, em 1800, e que, inicialmente, era uma traducção do systema inglez de Taylor.

Não quer isto dizer que, até então, fosse a tachygraphia completamente desconhecida em Portugal; o facto marca apenas, como referi, o inicio do ingresso d'essa arte nos serviços da nossa publica administração.

Effectivamente, a bibliographia tachygraphica portugueza inicia-se com a traducção do já citado systema de Taylor, publicada em Lisboa, em 1802, por Antonio Patricio Pinto Rodrigues; e, de então até ao presente, consegui já catalogar 28 obras escriptas no idioma de Camões e publicadas em Portugal e Brasil, das quaes duas por mim dadas a lume, (*Noções practicas de tachygraphia*, — 1892 — duas edições no mesmo anno, e *Caderno auxiliar* — 1893). Tinha tambem concluido, desde 1893, o presente *Compendio theorico-pratico de tachygraphia portugueza*, que apenas actualiso no que diz respeito á bibliographia.

Do que vou dizer, e comparativamente ao movimento produzido nos restantes paizes da Europa e mesmo n'alguns da America, conclue-se que a tachygraphia em Portugal não saiu ainda do seu estado embryonario.

Effectivamente, só nas camaras legislativas se pratica entre nós essa utilissima arte, e o numero dos individuos que a exercem não será superior a cincoenta.

Entretanto, nos Estados-Unidos da America do Norte são habilitados annualmente, nas suas trezentas escolas de stenographia, cerca de doze mil tachygraphos; só os cursos da «Metropolitan School of Shortand», em Londres, teem, em média, dois mil alumnos; estatisticas recentes consignam que, na Allemanha, 33:767 alumnos aprenderam, n'um só anno, tachygraphia, dos quaes 24:373 pertenciam a cursos elementares e 9:394 a cursos superiores, isto sem contar com 581 aos quaes essa instrucção foi ministrada em estabelecimentos officiaes de ensino, onde a tachygraphia faz parte dos respectivos programmas; em 1 de maio do anno proximo findo foi publicado em França o resultado dos exames de tachygraphia, pouco antes effectuados em todo paiz, sendo distribuidos 11:898 diplomas de approvação dos quaes 1:972 só no departamento do Sena e 1:212 no da Gironde, etc. etc.

A razão do singular estacionamento que se observa no nosso paiz quanto á diffusão da arte tachygraphica reside, principalmente no facto, já apontado, de essa arte apenas ser applicada aos serviços parlamentares, porquanto é justamente esse campo aquelle no presente mais restricto para n'elle poderem encontrar remuneradora occupação os individuos de ambos os sexos habilitados com o conhecimento theorico-pratico da referida arte.

Já ficou dito que a tachygraphia tem variadas e utilissimas applicações nos diversos ramos da actividade humana, derivando essa incontestavel utilidade da circumstancia, fundamentalmente a considerar, de que, com o seu auxilio, se pôde produzir, em media, o trabalho n'uma oitava parte do tempo usual.

Dito isto, comprehende-se bem quaõ vantajoso será que os empregados commerciaes sejam tachygraphos, e é justamente do reconhecimento d'essa enormissima vantagem que resulta a extraordinaria diffusão da tachygraphia nos paizes estrangeiros.

E, aqui surge assumpto que merece considerações muito especiaes.

PERY DE LINDE.

Loiras, morenas e trigueiras

Em sua primeira edade a mulher é a primavera: mas, em geral, a mulher loira é o inverno, a morena o estio, a trigueira o outono.

A loira é a neve, a morena o calor natural, a trigueira o fogo.

A loira é agradável, a morena graciosa, a trigueira engraçada.

A loira é formosa, a morena bonita, a trigueira bella.

A loira tem feitiços, a morena graças, a trigueira attractivos.

A loira é a poesia, a morena a doçura, a trigueira a bondade.